

VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica

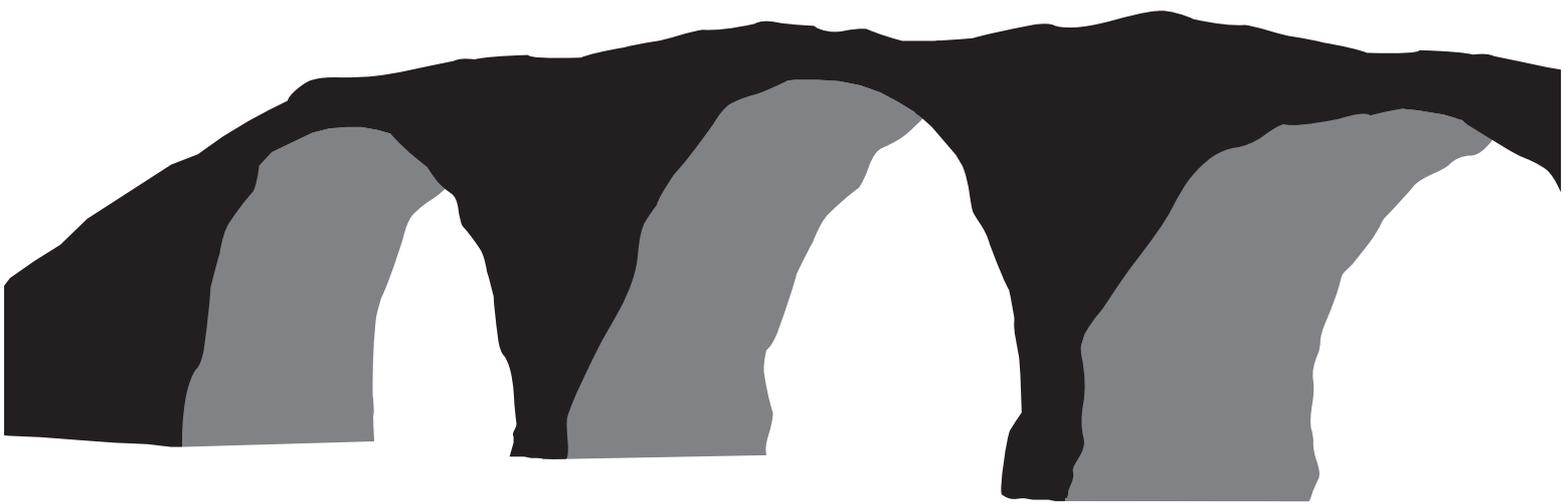
Volume 6 | Número 2 | Julho – Dezembro 2012

ISSN 1981-5875

**COLEÇÕES E COLECIONADORES:
VOZES DA EXPOSIÇÃO**

Marcélia Marques

Klaus Hilber



Data de recebimento: 02/12/2011
Data de aceite: 29/06/2012

COLEÇÕES E COLECIONADORES: VOZES DA EXPOSIÇÃO

Marcélia Marques¹

Klaus Hilbert²

RESUMO

Neste trabalho procuramos valorizar as coleções particulares enquanto espaços de exposição que veiculam significados múltiplos na relação entre objetos e pessoas. Comparamos algumas coleções particulares nos estados do Rio Grande do Sul e do Ceará, compostas por objetos pré-históricos e históricos; em todas as práticas de exposição, inclusive em museus institucionais, a noção do tempo está representada nos objetos. Ocorre que nas coleções particulares o modo de explicitar esta dimensão temporal não decorre de referências cronológicas periodizadas. Nas coleções particulares, a voz da autoridade e das concepções de tempo exprime o mundo e a sensibilidade dos próprios colecionadores, misturando conhecimento inventado com conhecimento apropriado.

Palavras-chave: Cultura material, Coleção arqueológica, Patrimônio Cultural.

RESUMEN

En este trabajo intentamos valorizar las colecciones particulares como espacio de exposición que vincula múltiples significados en la relación entre objetos y personas. Comparamos algunas colecciones en los Estados de Rio Grande do Sul y Ceará formadas por objetos prehistóricos e históricos. En todas las prácticas de exposición, incluso en las de museos institucionales, la noción de tiempo está representada en los objetos. Debido a que en las colecciones particulares el modo de explicitar esta dimensión temporal no ocurre a partir de referencias cronológicas periodizadas. En las colecciones particulares la voz de autoridad y

1 Universidade Estadual do Ceará (UECE) - Núcleo de Arqueologia e Semiótica do Ceará (NARSE) - marmarques@hotmail.com

2 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) - Programa de Pós-Graduação em História (FFCH) - hilbert@pucrs.br

los conceptos del tiempo enuncian el mundo y la sensibilidad de los propios coleccionadores, mezclando conocimiento inventado con conocimiento apropiado.

Palabras clave: Cultura material, Colección arqueológica, Patrimônio Cultural.

ABSTRACT

In this article we emphasize the importance of private collections as spaces of expositions which attach multiple significations to the relation between objects and persons. We compare some collections of the estates of Rio Grande do Sul and of Ceará, formed by prehistoric and historical objects. In all expositional practices, including those of institutional museums, the notion of time is represented by objects. It happens that in private collections the mode of exposing this temporal dimension doesn't occur through chronological periodicities. In private collections the voice of authority and the concept of time expresses the world and the sensibility of the collectors, mixing invented knowledge with appropriated knowledge.

Keywords: Material Culture, Archaeological Collection, Cultural Heritage.

Das Kleine, das Beschränkte, das Morsche und Veraltete erhält seine eigene Würde und Untastbarkeit dadurch, dass die bewahrende Seele des antiquarischen Menschen in diese Dinge übersiedelt und sich darin ein heimisches Nest bereitet. Friedrich Nietzsche. Vom Nutzen und Nachteil der Historie für das Leben.

O sociólogo e filósofo francês Jean Baudrillard afirma que apesar dos objetos antigos estarem destituídos de suas funções práticas, eles têm como função primordial significar o tempo (Baudrillard, 2004:82). Em muitas das coleções particulares, a Pré-história e a História estão documentadas na cultura material que se revela pelas mãos de homens movidos, essencialmente, pela força da paixão pelos objetos. Estas coleções podem nos remeter a tempos distintos. Por um lado, a um passado vivido historicamente e, por outro, a um passado pré-histórico idealizado. Entretanto, em ambas as dimensões temporais, os colecionadores, em meio à multiplicidade de vozes que emergem na exibição das coleções (Crew & Sims, 1991:163), anunciam narrativas próprias pelas suas traduções e significados atribuídos aos objetos colecionados.

O ato de colecionar está profundamente arraigado à condição humana, sendo quase impossível encontrar alguém que nunca tenha se entregado à atividade de colecionar algo, na intimidade, em alguma fase da vida, onde o momento de exibição alcançava dimensões sociais no círculo de amigos e familiares (Muenterberger, 1999). De acordo com a história da “moda da coleção” de cada geração, os exemplos podem ser infindáveis: os brinquedos que insistem em permanecer nos armários, mesmo com a idade avançando, os selos esmaecidos com discretas marcas de carimbo, as moedas antigas ou de outras nacionalidades, os cartões postais, as revistas em quadrinhos, apenas para citar alguns exemplos; há ainda as coleções biológicas (borboletas, insetos, conchas do mar). Às vezes, a moda é passageira, e deste modo os objetos vão sendo esquecidos e, com eles, a noção do tempo. Entretanto, existem aqueles que afirmam o fascinante mundo do colecionismo ao exibirem os objetos, constituindo-se em verdadeiros guardiões do tempo.

Atos de criação humana, desde os tempos mais remotos, culminaram em produção de objetos que passaram a circular, serem consumidos, significados e, por vezes, abandonados em diferentes tempos e espaços (Miller, 1987; Glassie, 1999; Barthes, 2001; Baudrillard, 2004). Nesse mundo de coisas criadas, os colecionadores, ao re-contextualizarem objetos em coleções particulares, atuam evitando perdas. Seriam eles preservacionistas por excelência? Estariam eles lembrando continuamente que os objetos colecionados estão dotados e veiculam

sentidos, além de suas funções práticas e de consumo? Mesmo que estes sentidos não tenham sido tecidos em redes de significados nas quais eles tenham atuado diretamente, há uma expectativa de se reportar pela via do objeto ao “sentido de uma época” a ser preservada (Groys, 1997).

O lugar sócio-institucional que os colecionadores particulares ocupam parece assumir contornos de acordo com a dinâmica das políticas patrimoniais de cada país. No Brasil não há incentivo para a formação de coleções particulares, especialmente aquelas constituídas por objetos pré-históricos, inclusive sendo proibido por Lei Federal 3924/1961. O argumento maior reside em que estas ações seriam destrutivas, não cabendo aos desautorizados cientificamente coletar achados desta natureza em seus contextos de abandono. No entanto, muitas destas coleções são formadas a partir de doações de objetos provenientes de campos de cultivo agrícola, onde os agricultores, ao prepararem o terreno para o plantio, se deparam com instrumentos pré-históricos. Na praia de Ponta Grossa, no litoral do Ceará, um colecionador argumenta que os objetos estariam vulneráveis ao trânsito de *bugy* e às ações de construção civil. Independente das relações político-patrimoniais que configuram a formação de coleções particulares no Brasil – que tem como um dos focos principais a crítica ao modo de coleta e de preservação do objeto – queremos pôr em relevância para reflexão a multiplicidade de vozes nas coleções particulares, dentre elas, a do próprio colecionador. Embora nas coleções oficiais haja ressonância de múltiplas vozes, estas são decorrentes de diálogos com a própria instituição, com especialistas na área da museologia, enquanto que o colecionador particular concentra em si a multivocalidade.

A VOZ QUE NÃO É O “OUTRO”

Na ordem das condutas e vivências sócio-culturais, assim como as regras que prescrevem as relações, a cultura material também é instituída de valores e significados associados aos espaços e às pessoas quando do seu uso ou destino. Numa perspectiva semelhante, no que diz respeito à produção da cultura material, Shanks e Tilley (1987:97) enfatizam que esta deve ser incluída nas prioridades lógicas no âmbito social e na estruturação de suas relações. Diante disto, estaríamos nos aproximando da noção de contexto da cultura material? Movendo-nos entre o valor subjetivo e o social? Considerando, ainda, que cada cultura cria e usa os objetos segundo os seus sistemas de regras e valores? Neste sentido, a cultura material, bem como outra expressão cultural de auto-identificação, para citar a língua, se apresenta como sinal diacrítico. O “eu” e o “outro”, deste modo, serão configurados num jogo de espelhos que, a partir dos objetos, também irão

refletir cada um, à sua maneira, os saberes tecnológicos, os fins a que se destinam nos modos de usar, as instâncias de consumo, os vínculos de pertencimento e os significados atribuídos às práticas cotidianas ou excepcionais. Estas dimensões das ideias e das práticas materiais foram relacionadas por Hodder (1991:38), ao afirmar que, “the aim is to examine the dialectical process by which the cultural world is pragmatic, technological, and material as well as symbolic and ideal”. Os objetos, deste modo, passam por leituras, embora possam, a princípio, parecer coisas mudas. Há uma rede de significados que os atrelam à identidade na medida em que são relacionados às pessoas que os incorporam na instância dos acontecimentos históricos e vivências culturais. Os objetos não falam, mas as pessoas falam; e nós entendemos.

Antes de se constituir em discurso falado ou escrito, Christopher Tilley enfatiza que a cultura material, na dimensão de seu uso, pode ser situada para transformar, guardar ou preservar informação social. Em seguida, este autor destaca o lugar que ela alcança enquanto analogia com o texto literário, pois “it can be regarded as a kind of text, a silent form of writing and discourse; quite literally, a channel of reified and objectified expression” (Tilley, 2000:421). Entretanto, mesmo a cultura material sendo um tipo de texto silencioso, cabe ao estudioso da cultura material ampliar o discurso, tal qual o objetivo da antropologia observado por Geertz (1998:10) quando da “conversa” de antropólogos com outras culturas. E esses textos culturais, quando lidos, são decorrentes de uma negociação que se estabelece entre nós mesmos ou com aqueles desconhecidos culturalmente (Silverman, 1992:137). Ainda nesta direção, que visa situar a extensão do discurso em sua materialidade discursiva na instância do acontecimento, Foucault (2006:57-58) escreve:

Certamente o acontecimento não é nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que se efetiva, que é feito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção e elementos materiais; não é o ato nem a propriedade de um corpo; produz-se como efeito de e em uma dispersão material.

De quais maneiras objetos são conduzidos para coleções e, concomitantemente, deslocados da dinâmica social, da multiplicidade de atos e vozes que os moviam e imprimiam sentidos? Quem tem a autoridade de os situarem em contextos de exposição e quais as vozes que ressoam? Estas são algumas das perguntas que fazemos para nos aproximarmos do mundo dos colecionadores

particulares quando do sentido de algumas práticas de exposição. Nossas reflexões preliminares estiveram voltadas, em parte, para as construções teórico-discursivas e interpretativas de estudiosos da cultura material, das práticas antropológicas e do discurso – um plano de discussão onde, de algum modo, situamo-nos. À medida que formos reescrevendo neste texto as narrativas de colecionadores particulares transformadas em textos científicos, esses próprios personagens se revelarão no domínio discursivo da cultura material, do qual são “vozes e atos” preservacionistas que ampliam discursos, alcançando assim, o mesmo potencial de preservar informações sociais tal qual a cultura material, já afirmada por Tilly (2000) em linhas atrás. Diante do exposto acima, são configuradas instâncias de “discurso preservacionista”. Primeiro, a cultura material que em si mesma é um texto silencioso com o potencial de “preservar informações” e, segundo, os discursos dos colecionadores se instituem de teor preservacionista na medida em que se reportam às descrições de usos, atos e pertencimento no passado, anunciados em suas vozes, seja na reconstituição histórica de acontecimentos vivenciados, seja na concepção idealizada da pré-história. O discurso preserva e revive, ainda, a função e os contextos de significação dos objetos, principalmente no que se refere às coleções históricas, onde muitos dos objetos pertencem às pessoas do grupo social do colecionador ou daqueles com os quais se identifica. Os objetos são descritos e valorizados segundo o uso e pertencimento, sendo reescritos, como já foi dito, na constituição da identidade dos colecionadores. De algum modo, há um reconhecimento de si mesmo e do mundo vivido nas coisas pertencidas, usadas e apreciadas. Essa voz que amplia o discurso no âmbito do pertencimento étnico preenche o silêncio dos objetos, e estes, ao serem exibidos, fazem “ressoar” a voz que não é o “outro”. Esse modo de colecionar corresponde à demarcação de um domínio subjetivo, ressaltado por Clifford (1995:260-261), externando, assim, a afirmação da alteridade, onde inclusive a inserção dos objetos em coleções vai refletir regras culturais. Sem nos colocarmos numa perspectiva regionalista, consideramos a possibilidade de estudarmos modos de colecionar em dois contrapontos geograficamente distantes no Brasil.

A VOZ DO SR. EWERLING: UMA COLEÇÃO PARTICULAR NO RIO GRANDE DO SUL

O Buraco do Diabo, em Ivoti, no Rio Grande do Sul, é um desses tantos lugares onde coexistem coisas e pessoas. À medida que percorríamos este espaço, percebíamos que a presença das coisas era mais expressiva que a das pessoas. Habitações e ambientes comerciais abandonados e estruturas compostas por coisas. As pessoas que mais transitavam eram visitantes e, no período de nossa

permanência como integrantes de uma escavação, arqueólogos a procura de mais coisas. No entanto, alguns poucos descendentes das famílias que deram continuidade ao processo da colonização alemã permanecem habitando ali efetiva ou eventualmente. Os nossos encontros com esses sujeitos tinham o passado como “senha de entrada” para o entendimento da construção social e cultural deste lugar (Hilbert & Marques, 2008). A colonização de Ivoti, palavra que em Tupi-guarani significa flor, iniciou-se por volta de 1828 com imigrantes alemães. O primeiro núcleo ocupacional se estabeleceu na Feitoria Nova ou Buraco do Diabo (*Teufelsloch*), picada³ 48 alta, distando 1,5 km da sede atual.

Fragmentos de louça, de ferro e cacos de vidro estavam sendo revelados nas camadas sedimentares do quintal do Sr. Ewerling durante a escavação da qual participamos em 2008, com a expectativa de relacionar objetos do uso da etnia alemã no período da ocupação do Buraco do Diabo. Alguns objetos encontrados eram redimensionados, social e culturalmente, no tempo passado pelas lembranças do uso e contextos reavivados pelo Sr. Ewerling. Algumas dessas peças tinham correspondência na coleção de objetos antigos montada por ele, numa postura que insiste em evocar o tempo e pessoas por meio de objetos. A motivação para colecionar reside, em parte, no impulso de explorar e buscar contatos, e ainda em desenvolver antigas necessidades de interação e relacionamentos íntimos (Formanek, 1994:329); nesta coleção, os contatos em um tempo passado são revividos nos objetos no tempo presente.

Todos os objetos da coleção estão associados a algum membro da família do colecionador, especialmente à mãe, ao pai e aos irmãos em diferentes momentos da vida, afirmando as relações identitárias no plano da subjetividade. A cultura material relativa ao pai e à mãe corresponde aos trabalhos por eles desempenhados, às atividades domésticas da mãe e ao ofício de carpinteiro e pequeno agricultor desempenhado pelo pai. Neste sentido, Woodward (2007:135) afirma que: “objects might signify sub-cultural affinity, occupation, wealth, participation in a leisure activity, or an aspect of one’s social status – all aspects of social identity”. A construção do mundo social do Sr. Ewerling, durante o processo de socialização, ocorreu na via de um processo semiótico onde os sentidos eram efetivados por palavras e objetos. Num primeiro momento, as coisas eram percebidas em si mesmas mediante um processo denominativo-funcional: tigelas, lampiões, cama, berço, plaina e outros, correspondendo às respectivas funcionalidades. Num segundo momento, quando estes objetos passam a figurar na coleção, o sentido

3 A picada é considerada a unidade mínima da vida comunitária das colônias, onde se instalam a capela, a escola, a venda e eventualmente algum artesanato, tais como moinho de moer grão e cortar madeira. ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul (vol. I). Porto Alegre: Globo, p. 57-59, 1969 .

que vão carregar estará diretamente vinculado ao pertencimento aos membros da família: “a tigela da minha mãe”, “a cama que pertencia também ao meu irmão”, “as plainas que eram do meu pai”. Deste modo, há uma “personificação” nas coisas, constituindo-as em objetos biográficos, que possibilita a reconstituição memorialística do grupo doméstico na construção, ainda em processo, do mundo do colecionador. Esta personificação das coisas tem o potencial de ampliar os laços e relações sociais, ou ainda ser referência nas relações vivenciadas pelas pessoas através dos objetos que as representam (Tilley, 2006:63). Alguns objetos, de acordo com os sentidos que assumem culturalmente, diferenciam-se dos demais, deste modo, “three levels of mediation are identified as the distinguishing characteristics of biographical objects: their relation to time, space, and the owner or consumer” (Hoskins, 1998:8).

As particularidades explicativas do objeto situam-se além dos constituintes materiais ou econômicos denominativos, indo adquirir uma força maior de significação no teor pragmático do seu uso e pertencimento aos sujeitos vinculados por relações de parentesco. A importância funcional das coisas não é o que confere maior valor ao objeto e, sim, os vínculos estabelecidos entre o uso e o pertencimento a alguns membros da família e os significados que neles se inscrevem ou deles decorrem. Deste modo, o objeto se move entre uma atribuição inicial econômico-funcional, a significados de personificação pela via do pertencimento, ou por ser a referência da pessoa. Neste sentido, Kopytoff (1986:68) reflete acerca dos sentidos e reclassificações pelos quais o objeto se situa culturalmente: “A culturally informed economic biography of an object would look at it as a culturally constructed entity, endowed with culturally specific meanings, and classified and reclassified into culturally constituted categories”.

A coleção do Sr. Ewerling, na medida em que guarda a memória do modo de vida familiar em um tempo passado, onde os objetos eram manuseados nas atividades pelos membros do grupo doméstico (especialmente os pais, irmãos e o próprio colecionador), atualmente assegura o reavivamento dessa instituição, mesmo com os objetos estando em desuso. A partir dos objetos são evocados gestos, atividades, afetos, desejos e uma infinidade de relações entre sujeitos que “retornam” à vida simbolicamente na cultura material, repercutindo suas vozes no contexto de exposição. A memória, enquanto evocação, na coleção está relacionada, diretamente, à reconstituição das ações dos membros da família do Sr. Ewerling. Essa coleção particular alcança a sua expressão plena enquanto coleção familiar. Alguns objetos foram doados à mãe dele por sua avó alemã. O colecionador, ao se referir a essas doações, ressalta que elas vieram “lá de fora”, em alusão à Alemanha. Desse modo, essa coleção se diferencia por possuir coisas que

particularizam a sua própria família, e ainda por contribuir para reafirmar a sua germanicidade. A subjetividade do colecionador é situada pela própria condição de pertencimento à cultura em que os objetos se inscreveram. As lembranças são tecidas pelos testemunhos do uso, inclusive do colecionador, na medida em que a ação empreendida configurou o sentido e o pertencimento entre ele, as pessoas e as coisas. A condição de objetos utilizáveis, no passado, inscreve-os na dimensão do consumo, evidenciando a “conotação tecnológica” apontada por Barthes (2001:207), no qual a reprodução em série extrapola o caráter meramente subjetivo, indo em direção do “infinitamente social”. No entanto, na coleção particular, os objetos assumem a dimensão do “infinitamente subjetivo” ao extrapolar a condição de objeto de consumo.

Na constelação do grupo doméstico do Sr. Ewerling, os indivíduos tinham suas práticas sociais também demarcadas pelo uso que faziam dos objetos e, agora, no presente, estas práticas são evocadas a partir dos objetos em suas narrativas. Os atos que, no passado, inseriam os objetos em contextos sócio-culturais, no presente são apenas memórias. As coisas colecionadas, desse modo, são reinscritas num outro contexto, o da exposição. As marcas do uso das coisas remetem aos sentidos construídos no tempo passado, vivido pelo colecionador, e evocados em objetos num contexto de exposição no presente.

A VOZ DE AUTORIDADE DO OUTRO: O SR. JORGE SIMÃO E OS OBJETOS EXÓTICOS

Os objetos nem sempre se situam no universo das práticas vividas pelo colecionador. A cultura material pré-histórica não retém as “vozes e os atos” de quem as concebeu ou as manuseou na pessoa e no mundo do colecionador. São, deste modo, ecos distantes, que carregam imagens de seres estranhos e, muitas vezes, considerados por alguns até inferiores, numa escala de percepção evolucionista discriminatória. Diante de sociedades nesta escala temporal se insinuam algumas perguntas: Do que falam estas outras vozes? Quais pessoas teriam feito objetos tão exóticos? Qual a voz de autoridade que é capaz de conferir explicação para tais objetos?

A história de vida do colecionador Sr. Jorge Simão revela aspectos singulares que configuram o lugar dos objetos no processo de significação de sua coleção, da sua relação com o mundo e da sua voz de autoridade em explicar à população sertaneja as proveniências e os modos de conceber objetos pré-históricos. Sr. Jorge reconstrói o passado e o reinscreve na cultura sertaneja na medida em que dialoga com os habitantes locais; ele é a ponte na construção do mundo que envolve o passado e o presente. Neste sentido, Pearce (1992:37) considera que:

as “collections are a significant element in our attempt to construct the world, and so the effort to understand them is one way of exploring our relationship with the world”. Este colecionador tinha ascendência sírio-libanesa. Quando jovem, costumava viajar com o seu pai pelo Sertão Central do Ceará. O pai era um comerciante ambulante, denominado popularmente de “mascate”. Sr. Jorge contava que, ao chegarem a alguns povoados, eram abordados a respeito dos significados dos “letreiros”⁴. A condição de “estrangeiro” do pai, alguém que detinha “outros saberes” diferentemente dos partilhados na cultura brasileira, era associada às inscrições também desconhecidas, estranhas e exóticas. Portanto, potencialmente, o Sr. Jorge e o pai eram as pessoas mais bem capacitadas para desvendar o universo desconhecido dos letreiros e dos instrumentos líticos ou “pedras corisco”⁵, que também pensavam ser fruto dos raios que assolavam a terra. Pessoas, saberes e coisas, deste modo, eram configurados no mesmo plano do ser e do olhar estrangeiro. E esse “outro”, aos olhos dos sertanejos, estava investido de autoridade para esclarecer um mundo de objetos estranhos ao seu próprio entendimento das coisas.

Quando indagávamos ao Sr. Jorge sobre a procedência das peças, ele apontava algumas localidades precisas e outras menos, na extensão do Sertão Central do Ceará (Marques, 2002). Com o bom humor que lhe era peculiar, ele ia construindo em seu discurso teses muito próprias, especialmente diante da coleção de peças pré-históricas (líticas e cerâmicas). A sua explicação para a criação e elaboração da arte rupestre e dos objetos residia em considerá-los obras de fenícios, de extraterrestres e, pontualmente, do “nosso índio”; reforçando com esta expressão a condição de brasilidade dos indígenas, e ao mesmo tempo, além da ascendência estrangeira, à cultura brasileira.

A ordenação da significação dos instrumentos frente ao mundo perpassava o grau de sofisticação das sociedades que haviam idealmente concebido os artefatos. Deste modo, os extraterrestres eram os mais sofisticados. Na tecnologia de fabricação ficcional, era dito que eles utilizavam raios laser para elaborar as peças líticas polidas. Os fenícios eram considerados pelo Sr. Jorge um povo bastante desenvolvido nas técnicas de embarcações e no que diz respeito às conquistas territoriais. Enquanto ele abordava este tema, fazia alusões à vinda de sua família para o Brasil. Portanto, ocorria, em alguma medida, uma identificação da “saga” familiar dele com os fenícios. E, na última escala de ordenação de significação, ele situava os “nossos índios”, fazendo ressalvas que estes não eram muito esmerados na confecção de instrumentos, mas, devido ao aprendizado com os alienígenas

4 Denominação popular para os painéis de arte rupestre.

5 Entendido como material lítico polido.

e fenícios, conseguiam reproduzir as peças menos elaboradas. É interessante considerar que, mesmo no plano mais baixo da ordenação de significação, as populações indígenas figuravam na construção de mundo do Sr. Jorge Simão. Na escala de posicionamento no plano imaginário, os seres alienígenas eram superiores aos terráqueos (fenícios e indígenas). Nesta via de percepção, os artefatos de sua coleção se constituíam em testemunhos na escala tecnológica de objetos exóticos pertencentes a um passado pré-histórico idealizado, ao mesmo tempo em que buscava entendê-los, sua voz visava explicar a constituição daquela sociedade sertaneja nos Sertões de Quixeramobim, o mundo em que vivia.

A EXPOSIÇÃO: AUTORIDADE E AUTENTICIDADE

A exposição de coleções particulares e de museus institucionais é um lugar e um acontecimento que guarda semelhanças no encontro entre coisas exibidas e pessoas, onde, em ambos, os objetos são destinados à visita pública. Nestes universos de exposições, as vozes que ressoam são anunciadas da mesma maneira? Quem confere voz de autoridade nestes domínios? Os significados dos objetos são redimensionados por critérios semelhantes? De que modo se configura a autenticidade dos objetos? Na medida em que lançamos um olhar relacional sobre estas construções narrativas da cultura material, as vozes que conferem autoridade e autenticidade aos objetos alcançam diferentes timbres e linguagens. Estes contextos de exposição não foram configurados por princípios norteadores semelhantes. Enquanto os museus institucionais se apóiam na voz de estudiosos que têm por referência fontes documentais associadas aos objetos, as coleções particulares têm sua maior expressão por influência da voz do colecionador. Em ambos, ocorre um encontro de várias vozes, daqueles que conferiram o lugar de exposição aos objetos e do público. Em museus insitucionais, Crew & Sims (1991:163) enfatizam o modo em que se delineia a voz de autoridade na exposição: “within history exhibitions this voice or point of view often is influenced by research taking place in academic circles. The work of university-based scholars is the voice of authority upon which history exhibitions frequently rely”. As narrativas dos colecionadores particulares acerca dos objetos não estão apoiadas propriamente em saberes legitimados por estudiosos da cultura material, embora possa ocorrer uma incorporação em seus discursos de taxonomias decorrentes de conhecimentos científicos. Para citar um exemplo, o colecionador Josué Crispim, na praia de Ponta Grossa, em Icapuí, no Ceará, denomina os instrumentos da pré-história como “lítico polido” e “lítico lascado”, conferindo-lhes a função de “pilar” e “cortar”, respectivamente. No que diz respeito à exposição, ao arranjo

de apresentação da coleção, Josué Crispim expõe estes objetos em estantes com compartimentos ao modo de alguns museus institucionais. Na apropriação dos conteúdos institucionais, a narrativa do colecionador ganha voz de autoridade. Sua vontade é de ser incluído na fala dos especialistas, de poder dialogar com a comunidade científica e de ganhar reconhecimentos das autoridades. O medo de sentir-se fora destes contextos sociais e à margem da legitimidade faz com que o colecionador Crispim se aproprie não somente dos objetos, mas também das palavras.

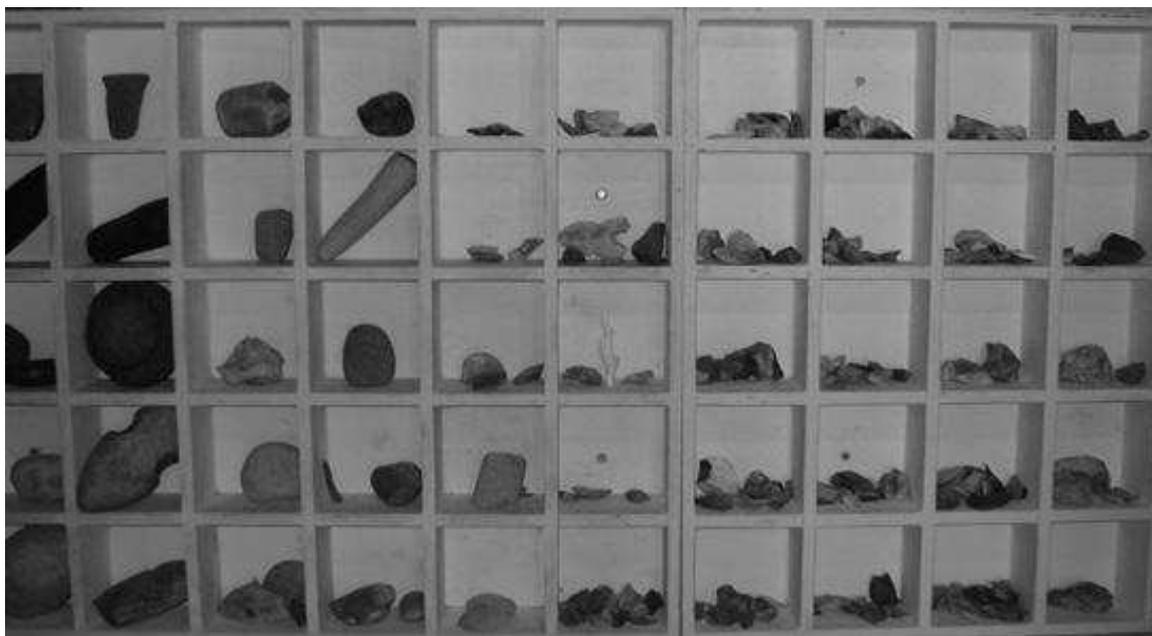


Figura 1: Estante de exposição da coleção de Josué Crispim.

Apesar de haver um reconhecimento do falado e da plasticidade do modo de expor a cultura material em museus institucionais, a voz de autoridade das coleções particulares reside na subjetividade dos colecionadores; muitas vezes, eles buscam argumentos científicos pontuais apenas para tecerem discursos que emergem das suas vivências e idealizações. Deste modo, é construído um discurso narrativo sobre a pré-história, em que a origem da humanidade é esboçada em sua generalidade primitiva e exotividade, não necessitando buscar fundamentação em discursos científicos que se reportam às épocas pleistocênicas ou holocênica; isto ficaria a cargo dos estudiosos da cultura. A narrativa de Josué Crispim nos revela a concepção da origem humana idealizada, onde os diferentes instrumentos pré-históricos são relacionados aos primórdios da humanidade: “As pessoas que fizeram estes instrumentos foram os primeiros primitivos. Tem muito a ver com

nossa origem. Eram os nativos primitivos e hoje nós mudamos um pouco. Eles tinham a cabeça grande, eram negros e baixinhos”.

Nesta narrativa de um tempo idealizado se inscreve a humanidade contemporânea na medida em que se estabeleceu uma relação comparativa para explicitar uma mudança. O narrador, deste modo, faz parte da narrativa ao afirmar que “hoje nós mudamos um pouco”. Neste sentido há um envolvimento entre o acontecimento e o narrador. Ele, de algum modo, projeta-se num tempo passado para perceber a mudança. Embora essa narrativa seja a respeito de um “acontecimento” idealizado, a relação entre narrador e narração pode ser entendida nas palavras de Derrida (1995:121):

La relación narrativa – suele pensarse – no si relata a si misma, sino que relata un contenido que está dado fuera de él y antes que él. Aquí – tenemos que tenerlo en cuenta –, lo que ocurre al narrador y a la narración; lo que ocurre provoca al narrador y la narración; y los componentes de la narración son aquello sin lo cual, sin duda, el acontecimiento no tendría lugar.

O reconhecimento do pertencimento dos objetos pré-históricos aos “nativos primitivos” também se inscreve no âmbito das mudanças tais quais as que foram referidas aos constituintes físicos humanos, tendo em vista os instrumentos de pedra serem diferentes dos utilizados contemporaneamente. De qual modo estas diferenças ou mudanças são expostas nas coleções particulares? A “narrativa expositiva” dos objetos buscaria revelar ou afirmar o teor de autenticidade dos mesmos? Estaríamos diante de outros critérios ou de princípios norteadores de exposição?

Em museus institucionais, a autenticidade dos objetos se inscreve segundo a ordem de seus arranjos em contextos de exposição. A autenticidade é apresentada segundo o lugar que as coisas ocupam dentre as demais, indo encontrar sua maior força de significação num espaço relacional, onde a autoridade e a autenticidade são reforçadas mutuamente de acordo com a posição que o objeto ocupa na exposição. Neste sentido, Crew & Sims (1991:162-163) escrevem:

The culture of the museum creates its own juxtaposition, its pertinent locations of authenticity. These are framed by the uses of the past this museum culture may choose. With objects transformed from on temporal continuity of use to another, their meanings are entirely reconstituted: the proximity of thing to one another perhaps has more authority, more readable meaning than the things themselves.

Josué Crispim nos explicava que o contexto de exposição da sua coleção de artefatos pré-históricos segue princípios de cor, forma e, inclusive, textura (Hilbert, 2007).



Figura 2: Semelhança entre objetos pela cor, textura e forma.

Contudo, estas singularidades não estão condicionadas à autenticidade dos objetos, na medida em que, no espaço de exposição de sua coleção, a disposição obedece a princípios de ordenação visual e tátil, não necessariamente visando reforçar a autenticidade deste ou daquele objeto. Estes artefatos pré-históricos podem ser também revestidos dos significados do mundo idealizado pelo colecionador, onde, do mesmo modo, não existe a expectativa de confirmação de autenticidade ou autoridade que vá além das suas próprias concepções.

No contexto de exposição da coleção de objetos históricos do Sr. Ewerling de Ivoti/RS, são destacados o uso e o pertencimento dotados de significados e valores, bem como a identidade do colecionador e suas relações com o grupo doméstico. Os objetos da coleção do Sr. Ewerling estão expostos em três mesas na sala. Duas mesas e uma máquina de costura estão encostadas à parede e outra mesa arredondada está posicionada no centro da sala. Nesta disposição, o lugar central e que concentra a maior visibilidade está reservado a um objeto que pertencia à mãe, outra máquina de costura, onde o expositor se diferencia dos demais por estar recoberto por uma toalha rendada. Nessa instalação, o que está representado é o indivíduo, onde apenas um único objeto é investido de sentido,

dotado nele mesmo. Nas duas outras mesas retangulares estão expostos objetos de diferentes matérias-primas, formas e funções. Aqui, todos os membros da família estão representados (pai, mãe e filhos). À primeira vista, as coisas parecem não obedecer a um princípio de ordenação expositivo. Não há legendas, nem tampouco individualização de objetos. No entanto, à medida que nos aproximamos, orientados pela narrativa do colecionador, identificamos nichos de objetos que respeitam a matéria-prima, as formas e superfícies assemelhadas e, ainda, o pertencimento às pessoas. Embora os objetos da mãe possam estar associados aos do pai, eles mantêm certas zonas de ordenação interna e de fronteira diante dos demais objetos. A título de exemplo, os ferros de passar roupa utilizados pela mãe estão juntos à tesoura de tosa, machados de metal e broca pertencentes ao pai, reagrupados especialmente pela matéria prima. No entanto, limites discretos anunciam ainda associações de objetos relativos ao pertencimento e ao gênero. Nesta perspectiva, as culturas materiais expostas em coleções particulares são apresentadas ao público segundo outros princípios que norteiam e privilegiam diferentes relações espaciais dos objetos que não visam, necessariamente, reforçar a autenticidade segundo as exposições em alguns museus institucionais.



Figura 3: Objetos da mãe e do pai do Sr. Ewerling. Os critérios expositivos dos artefatos são norteados pela matéria prima e pertencimento.

A TÍTULO DE CONCLUSÃO: AFINAL, QUE TEMPO É ESSE?

Na discursividade silenciosa dos objetos, independente dos significados que possam carregar e dos re-significados que alcançam em diferentes modos de exposição, o tempo passado se constitui, por excelência, numa das mais envolventes leituras metonímicas do tempo. As coisas podem significar pessoas, seres imaginários, funções, pertencimento, atos e espaços, entre outras infinidades de atribuições; no entanto, os objetos inscritos no tempo se constituem no tecido principal dos fios da narrativa, tanto na voz velada de autoridade de curadore quanto na voz pronunciada dos colecionadores particulares durante a visitação. Em ambos os contextos de exposição, museus institucionais e coleções particulares, a referência ao tempo é apresentada sob diferentes formas. Por um lado, legendas, textos explicativos e iconografia possibilitam aos visitantes de museus situarem os objetos cronologicamente; há uma busca de entendimento pela periodização em diversas escalas. Tais informações, como já foi dito, são resultado de estudos empreendidos por especialistas no campo de disciplinas, especialmente, da História e da Cultura, que se constituem em vozes de autoridade nessas instituições museológicas. Por outro lado, a referência ao tempo nas coleções particulares não se apoia em periodizações. É um tempo vago, tanto o que diz respeito aos objetos históricos quanto aos pré-históricos. O discurso acerca da cronologia dos objetos repousa como pano de fundo indistinto, tal quais os contos, onde a escritura rompe na imprecisão de um passado ao enunciar “era uma vez”. No entanto, em meio às diferentes “exibições” do passado, os artefatos são dotados de poder comunicativo. Shanks & Tilley (1994:77) afirmam que:

“The semiotic character of artifacts is recognized. They are used as vehicles to a story of the past, as signs in the present carrying information to the visitor. They are given an explicit communicative function.”

A atitude preservacionista dos colecionadores parece clamar que “as coisas não podem se perder no tempo” e, no presente, eles colecionam o que poderia ser perdido em atos desavisados. Em seu discurso, Sr. Jorge explicitava o seu modo de colecionar: “Às vezes troco um machado por uma enxada, aí o caboclo sai daqui feliz da vida, outras vezes eu dou alguns trocados e muitas são dadas, mesmo. Outras eu achei por aí”.

Assim respondia o Sr. Jorge quando indagado sobre a forma de aquisição das peças de sua coleção. Segundo ele, é comum os agricultores da região encontrarem “pedra corisco” quando estão arando a terra. Muitos deles, sabendo do seu gosto “esquisito” em colecionar essas peças, procuravam-no para negociar. Sr. Jorge, durante toda a sua vida de colecionador, requisitou junto ao poder público do

município de Quixeramobim um espaço mais adequado para instalar e expor sua coleção. Sua voz, que ressoava com tanta veemência ao discursar sobre os significados dos objetos, era inexpressiva diante os apelos às várias instâncias de poderes públicos.

Até que ponto as coleções particulares se inscrevem no terreno da ilegalidade? Não seria contraditório considerá-las ilegais quando o que move o ato de colecionar é essencialmente a vontade de preservar? Nos mais diversos recantos de zonas interioranas e litorâneas do Brasil, onde a assistência patrimonial dos poderes públicos é inexpressiva, as vozes de comunicação que emergem da cultura material, em grande parte, estão contidas nos contextos expositivos de colecionadores particulares. Muitos dos objetos expostos em museus institucionais tiveram semelhante proveniência no que diz respeito à incorporação de artefatos em suas coleções, e nem por isso se ergueram críticas desconsiderando o valor e as condições do achado. Talvez pelo fato destes objetos posteriormente serem submetidos ao olhar, voz e aprovação da autoridade de estudiosos acadêmicos, e desse modo, passem a “figurar” nos acervos e cenários de instituições oficiais.

Em muitas das coleções particulares são incorporados elementos das práticas de museus institucionais, tanto no que diz respeito à estética da exposição quanto a classificações genéricas da própria cultura material. No entanto, prevalece a subjetividade do colecionador na re-construção dos sentidos dos objetos; é uma voz de autoridade que se afirma diante de sua própria comunidade ou dos visitantes de um modo geral. Acreditamos que as vozes dos colecionadores não estão isoladas e circunscritas aos seus próprios mundos particulares. Em alguns museus institucionais, mesmo que sutilmente, esses discursos dialogam com as vozes de estudiosos sem necessariamente serem silenciados, e deste modo, há uma ampliação e redimensionamento dos significados do passado em objetos que eram parte do “amplo mundo das coisas e das pessoas”.

AGRADECIMENTOS

Queremos agradecer ao Sr. Arsênio Ewerling e ao Sr. Josué Crispim pela gentileza em nos receber e pelas narrativas ao darem voz aos objetos. O nosso agradecimento é extensivo aos pareceristas anônimos pela interlocução e comentários pertinentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, R. 2001. *A aventura semiológica*. Martins Fontes, São Paulo.
- BAUDRILLARD, J. 2004. *O sistema dos objetos*. Perspectiva, São Paulo.
- CLIFFORD, J. 1995. *Dilemas de la cultura: antropología, literatura y arte en la perspectiva posmoderna*. Gedisa editorial, Barcelona.
- CREW, S. R. & SIMS, J. E. 1991. Locating Authenticity: Fragments of a Dialogue. In: KARP, I. & LAVINE, S. D. (Org.) *Exhibiting Cultures: the Poetics and Politics of Museum Display*. Smithsonian Institution, Washington and London. Pp.159-175.
- DERRIDA, J. 1995. *Dar (el) tiempo.I. La moneda falsa*. Paidós, Barcelona.
- FORMANEK, Ruth. 1994. Why they Collect: Collectors Reveal their Motivations. In: PEARCE, S. M. (Org.) *Interpreting Objects and Collections*. Routledge, London and New York. Pp.327-335.
- FOUCAULT, M. 2006. *A Ordem do Discurso*. Edições Loyola, São Paulo.
- GEERTZ, C. 1998. *A interpretação das Culturas*. LTC Editora, Rio de Janeiro.
- GLASSIE, Henry. 1999. *Material Culture*. Indiana University Press, Bloomington.
- GROYS, B. 1997. *Logik der Sammlung*. Am Ende des Musealen Zeitalters. Hanser Verlag, München.
- HILBERT, K. 2007. Indústrias líticas como vetores de organização social. Ou: um ensaio sobre pedras e pessoas. In: BUENO, L. & ISNARDIS, A. (Org.) *Das pedras aos homens. Tecnologia lítica na Arqueologia Brasileira*. Argumentum, Belo Horizonte. Pp.95-116.
- HILBERT, K. & MARQUES, M. 2008. *A construção do sentido social numa coleção particular: um mundo biográfico em direção a uma ação política? O Público e o Privado*, vol.: 12:45-58. Fortaleza.
- HODDER, I. 1991. Postprocessual Archaeology and the Current Debate. In: PREUCCEL, R. W. (Org.) *Processual and Postprocessual Archaeologies: Multiple Ways of Knowing the Past*. Board of Trustees, Southern Illinois University. Pp.30-41.
- HOSKINS, J. 1998. *Biographical Objects: how Things Tell the Stories of People's Lives*. Routledge, New York and London.

- KOPYTOFF, I. 1986. *The Cultural Biography of Things: Commoditization as Process*. In: APPADURAI, A. (Org.) *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge University Press, Cambridge. Pp.64-91.
- MARQUES, M. 2002. *Grafismos Rupestres do Sertão Central do Ceará: análise técnica e estado de conservação*. (Dissertação Mestrado). UFPE. Recife.
- MILLER, Daniel. 1987. *Material Culture and Mass Consumption*. Basil Blackwell, London.
- MUENSTERBERGER, W. 1999. *Sammeln. Eine unbändige Leidenschaft*. Suhrkamp, Berlin.
- PEARCE, S. M. 1992. *Museums, Objects and Collections*. Smithsonian Institution Press, Washington.
- ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul* (vol. I). Porto Alegre: Globo, 1969.
- SHANKS, M & TILLEY, Ch. 1987. *Social Theory and Archaeology*. University of New Mexico Press, Albuquerque.
- SHANKS, M & TILLEY, Ch. 1994. *Re-Constructing Archaeology: Theory and Practice*. Routledge, London and New York.
- SILVERMAN, E. K. 1992. Clifford Geertz: Towards a More “Thick Understanding?” In: TILLEY, Ch. (Org.) *Reading Material Culture: Structuralism, Hermeneutics and Post-Structuralism*. Basil Blackwell: Oxford. Pp.121-159.
- TILLEY, Ch. 2000. Interpreting Material Culture. In: THOMAS, J. (Org.) *Interpretative Archaeology: a Reader*. Leicester University Press, London and New York. Pp.418-426.
- TILLEY, Ch. 2006. Objectification. In: TILLEY, Ch & KEANE, W. *et al.* (Org.) *Handbook of Material Culture*. Sage Publications, London. Pp.60-73.
- WOODWARD, I. 2007. *Understanding Material Culture*. Sage Publications, London.